

28 JAN 1990

Plano Brady enfrenta descrédito

PAULO SOTERO

WASHINGTON — A iniciativa do presidente dos Estados Unidos de abrir as portas do Plano Brady de redução da dívida externa ao Brasil e afirmar que sua implementação, com sucesso, no País o transformará no "Plano Bush", é um convite politicamente importante tanto para quem o recebeu, o presidente eleito Fernando Collor, como para quem o fez.

Testado pela primeira vez no México, ele resultou num acordo que, a rigor, não reduziu o peso da dívida do país, ainda não está sacramentado e produziu resultados tão acanhados que já é considerado por muitos como uma estratégia sem futuro. Sob o título "Estratégia Brady: descanse em Paz", o conservador **Wall Street Journal** afirmou, na primeira página em sua edição da segunda-feira, que enquanto "os EUA exultam sobre a onda de democracia que varre a Europa do Leste e orgulham-se do sucesso de sua intervenção no Panamá, a América Latina está extenuada".

Para o jornal, a estratégia Brady, "o principal esforço político dos EUA na região, está morrendo". Sua ressurreição no Brasil, certamente num formato variado em relação ao que foi usado no México, poderia tanto facilitar a reforma econômica pregada por Collor como reafirmar a posição de Washington na condução de uma das grandes questões da política econômica global.

O Plano Brady foi montado às pressas nos primeiros meses da administração americana, em parte como resposta a violentos distúrbios de rua na Venezuela e às ameaças do governo mexicano de abandonar a mesa de negociações. A estratégia teve o mérito de reconhecer que o peso da dívida dos países em desenvolvimento é excessivo, mina qualquer esforço de ajustamento e precisa, por isso, ser reduzida. Mas, colocada na prática no México, criou fortes resistências dos bancos credores por tentar combinar duas abordagens contraditórias: o perdão da parte da dívida e a concessão de novos empréstimos. Embora o anúncio do acordo, em meados do ano passado, tenha reforçado a confiança dos investidores internos e externos no México, ela ficou longe de atingir o objetivo principal do Plano Brady, que era reduzir a dívida do país.